

Reportagem Cultural

Marcello Campos

Com parentesco na antropologia, a reportagem participante tem por método investigativo a imersão em determinado recorte da realidade. O jornalista deixa o status de mero observador para então se misturar aos personagens do cenário e compreender os fatos sob uma perspectiva de proximidade e aprofundamento, mesmo que distanciada pelo olhar objetivo de seu testemunho. Tal conceito praticamente inexistia na imprensa porto-alegrense da primeira metade do século XX, até que uma matéria especial de 1934 no vespertino A Edição chamasse a atenção dos leitores com novo enfoque de um problema social recorrente na capital gaúcha.

Assinava o texto um prodígio chamado Plauto de Azambuja Soares (1915-1938). Movido a adrenalina, curiosidade e humanismo, o rapazote de 19 anos havia concluído que as denúncias de falsa mendicância na área central da cidade mereciam uma apuração diferenciada. A estratégia foi despir-se não apenas de pré-julgamentos e versões chapabrancas: disfarçado de maltrapilho, permaneceu vários dias no entorno do Mercado Público, de mão estendida à caridade alheia, podendo assim tirar suas próprias conclusões. E ainda ameaçou quantia considerável em esmolas, depois redistribuída - já sem a fantasia de pedinte - aos "ex-parceiros de rua".

O lance não foi exatamente uma surpresa para quem já acompanhava de perto a ascensão profissional do jovem boa-praça que imigrara de Encruzilhada do Sul (Sudoeste do Estado) com mãe e sete irmãos após a morte do pai, farmacêutico vitimado em 1918 pela pandemia de gripe espanhola. Instalado com a família no segundo andar de um sobrado junto ao Cinema Guarani, na Rua da Praia, Plauto se apaixonou por uma Porto Alegre repleta de possibilidades à sua inquietude cultural, espírito boêmio e múltiplos talentos, que seriam responsáveis por breve porém intensa trajetória, encerrada em uma das páginas mais traumáticas na his-

Pioneirismo e tragédia na reportagem gaúcha



Jovem talento do jornalismo foi responsável por episódio traumático na história da comunicação gaúcha, há quase nove décadas

tória da imprensa nacional.

O ingresso na imprensa remete a junho de 1933, admitido como contínuo do Diário de Notícias, a poucos metros de casa. Tinha apenas 18 anos, mas seu potencial não passou despercebido e, dois meses depois, estava promovido a repórter policial. Foi quando recebeu o apelido de 'Foca' (expressão ainda hoje alusiva a jornalistas iniciantes), logo derivado para 'Foquinha' e que o acompanharia dali em diante. Sua atuação no periódico se notabilizou por uma escrita vibrante (mas sem arroubos de sensacionalismo) e furos de reportagem obtidos por um jovem em pauta direta com o dia a dia da metrópole em suas diferentes facetas, do sórdido ao glamoroso.

O estilo de trabalho teve continuidade com a transferência para o mencionado A Edição, no ano seguinte, e o catapultou em 1936 à recém-inaugurada Folha da Tarde, irmã do Correio do Povo. Circulando com desenvoltura pelos dois veículos da companhia Caldas Júnior, conquistou a confiança e simpatia de colegas mais experientes e teve no repórter policial Sadi Raphael Saadi uma espécie de guru, acompanhando-o a campo. Acabou alçado a secretário de Redação - função responsável pelo gerenciamento da rotina de um veículo, como elo entre direção e editores no fluxo de produção, organizando as pautas e garantindo, sem atrasos, o fechamento da edição.

Contemporâneo de talentos de fina escrita como Paulo de Gouveia, Ovídio Chaves, Viana Moog, Carlos Reverbel, Nilo Ruschel e De Souza Júnior, 'Foquinha' também fez do vespertino uma vitrine para descontraídas crônicas. Também esteve entre o time de colunistas encarregados de cobrir a programação radiofônica em um período no qual as pioneiras Gaúcha, Difusora e Farroupilha capitaneavam a expansão desse tipo de mídia entre os ouvintes do Rio Grande do Sul. Chegou, inclusive, a ser cogitado como *speaker*. Tudo isso em paralelo a eventuais incursões pela poesia e composição popular, sem contar os compromissos como aluno da Faculdade de Direito - experiência comum a vários de seus comparsas.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Público sai lucrando com o improviso butô

Uma das atrações trazidas pelo Palco Giratório deste ano foi o espetáculo *Mares e nuvens flutuantes*, com os bailarinos Ana Medeiros (muito conhecida por suas atividades na dança flamenca) e Hiroshi Nishiyama. Por uma questão de saúde de Ana Medeiros, a performance da dupla ficou transformada no solo de Nishiyama. Eu quase escrevia “ficou reduzida”, mas isso seria um desrespeito ao bailarino, porque ele nos brindou com uma belíssima performance que, sem ser o espetáculo anunciado, acabou sendo outro, igualmente admirável.

Anotemos algumas questões iniciais para bem realizar um registro justo sobre o trabalho assistido. *Mares e nuvens flutuantes* se inscreve na recente tradição da dança butô, desenvolvida no Japão a partir do final da II Grande Guerra, mesclando a tradição oriental com as então novas pesquisas ocidentais, em especial do expressionismo. Os traumas causados pelas explosões de Hiroshima e de Nagasaki, somados à preocupação da crescente perda de identidade dos japoneses, fizeram com que Tatsumi Hijikata e Kazuo Ohno desenvolvessem esta técnica e tipo de performance. ‘Butoh’ significa, na língua japonesa, “dança das trevas” e se caracteriza por movimentos extremamente lentos, com coreografias mais vinculadas ao solo do que aéreas, minimalistas. O bailarino, em geral, utiliza uma pintura branca sobre o corpo (fora os figurinos que serão ou brancos, ou pretos). No Brasil, o butô chegou através dos bailarinos Tadashi Endo e Emilie Sugai. No caso do espetáculo a que assistimos, Ana Medeiros decidiu estudar no Japão em 2015, quando conheceu Hiroshi Nishiyama, hoje seu companheiro. O casal deslocou-se para Porto Alegre, a partir de 2018, e aqui vêm atuando em diferentes produções de dança butô, *Mares e nuvens flutuantes* entre elas.

O que desde logo chama nossa atenção à peça é seu título, porque contradiz frontalmente a própria origem da dança, cujas coreografias estão mais próximas do solo,

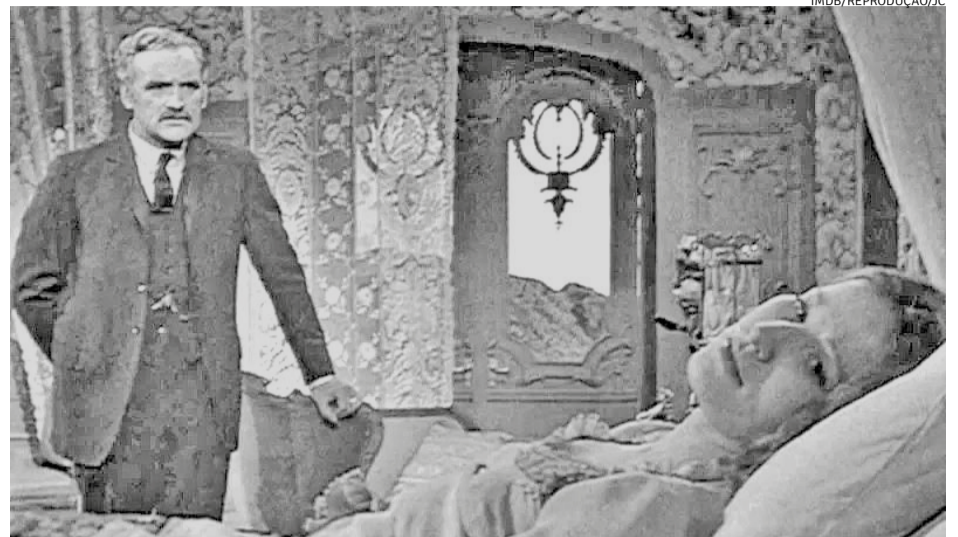
como se escreveu acima. Aqui, a referência é exatamente contrária, porque fala de mares (extremamente volúveis) e nuvens, aliás, muito bem visualizadas na cenografia de Rodrigo Shalako: um grande quadrado branco, suspenso, cujo tecido, organizado em pregas, nos lembra de imediato o movimento das marés ou a fluidez das nuvens. De fato, a obra foi inspirada na visão, desde a praia, do mar e de sua infinitude, do mesmo modo que o movimento das nuvens. Ou seja, pode-se dizer que a obra propõe-se a ultrapassar os próprios princípios desta dança, a partir de sua inspiração primeira.

Enquanto muitas danças do mundo se baseiam na técnica, o fundamento do butô reside na imagética, no ambiente virtual dos mundos interno e externo do corpo, e nas texturas e emoções que compõem este corpo. Neste sentido, a ausência de Ana Medeiros fez, da obra a que assistimos, uma outra - que não perde a essência do butô, mas que não é mais a obra anunciada. *Mares e nuvens flutuantes* continua organizada a partir de uma trilha sonora que sugere o movimento das ondas e a passagem das

nuvens. Mas enquanto solo, todo o espetáculo está adensado e comprimido num único corpo, o de Nishiyama: mudando os figurinos (de Etsuko Ohno e Rei Kawakubo) e cada coreografia, o bailarino interpreta cinco movimentos bastante diferentes entre si, inclusive pela trilha sonora criada por Casemiro Azevedo, culminando numa releitura inesperada e altamente criativa do *Bolero* de Ravel, que, mais próximo da experiência do público, alcançou maior receptividade e resposta da plateia.

Considerando que o butô não tem propriamente uma coreografia pré-programada, mas depende da inspiração momentânea do bailarino, a improvisação a que se viu obrigado Nishiyama não lhe deve ter sido tão frustrante. Foi apenas um desafio a mais, com o quê o público saiu lucrando, porque assistiu a uma obra, de certo modo, inédita, mas que evidencia as características do butô enquanto espetáculo e filosofia.

Já que o butô depende da inspiração do bailarino, a improvisação a que se viu obrigado Nishiyama não deve ter sido tão frustrante



No *Such Thing as a Vampire* foi reencontrado em um antigo teatro e cinema dos anos 1930

Histórico curta de terror da BBC ressurgiu no Reino Unido após mais de 50 anos

No final dos anos 1960, um curta-metragem de vampiros marcou época no Reino Unido, mas estava perdido desde então. Agora, *No Such Thing as a Vampire*, da série antológica *Late Night Horror*, foi reencontrado.

A produção foi exibida pela emissora britânica BBC, e acreditava-se que todas as cópias haviam sido destruídas. No entanto, Darren Payne, um engenheiro cinematográfico da Inglaterra, encontrou o último desses registros.

O curta foi encontrado dentro de um cinema e teatro antigo, da década de 1930, chamado The Regent. A obra ostenta o título de pioneira, já que tornou-se a primeira da emissora a utilizar-se de cores. Atualmente, a organização Film is Fabulous! trabalha em uma restauração de sua versão original.

O público poderá conferir a obra décadas depois de sua primeira exibição. Em 20 de setembro, o longa será exibido no The Regent, localizado em Christchurch, na Inglaterra, como parte do evento Grindfest.

A série antológica *Late Night Horror* teve seis episódios. *No Such Thing as a Vampire* foi o primeiro. Ele trazia Meg Wynn Owen no papel principal, como uma mulher que adocece repentinamente e passa a ser cuidada pelo marido, interpretado por Andrew Keir.

Com direção de Paddy Russell, o curta-metragem trouxe uma composição de múltiplas câmeras, além de imagens de arquivo. A obra foi exibida em 19 de abril de 1968, às 22h55min, e foi vista por um público estimado de 1,8 milhão de telespectadores.

Louvre anuncia equipe que criará uma nova área para a Mona Lisa

O Ministério da Cultura da França anunciou a equipe que será responsável pela criação de uma nova área dedicada à pintura *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, que faz parte das reformas do Museu do Louvre, em Paris. As vencedoras foram as empresas Studios Architecture Paris, Selldorf Architects e Base Landscape Architecture.

Anunciado originalmente em janeiro de 2025 por Emmanuel Macron, com o nome de *Louvre: Novo Renascimento*, a reforma tinha como objetivo criar novas entradas para melhorar a circulação dos visitantes e uma nova área exclusiva para a pintura. Para isso, foi realizada uma competição na qual os participantes precisavam apresentar projetos que se encaixassem nes-

ses objetivos.

Segundo o ministério, o projeto vencedor promete unir o contemporâneo ao urbano, criando uma conexão elegante entre a cidade, o palácio e o museu. Uma das novas entradas ficará próxima à Colunata de Perrault, na fachada do castelo que compõe o museu.

A previsão é que a reforma custe entre € 700 e € 800 milhões (R\$ 4,6 bilhões) e seja concluída em até dez anos. A última vez que o Louvre passou por uma reforma foi há cerca de quarenta anos, na década de 1980.

Desde o início deste ano, os ingressos do museu ficaram 45% mais caros para visitantes de fora da Europa, visando equilibrar as contas e financiar a solução de problemas estruturais.

fique ligado

45 anos do Canto Alegretense

Alegrete é, há mais de quatro décadas, o rumo do coração de muitos gaúchos. E nesta sexta-feira, às 20h, o Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) recebe um show do grupo Os Fagundes, que dá início à turnê de celebração dos 45 anos do lançamento da canção *Canto Alegretense*. Ingressos a partir de R\$ 30,00 no

site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.

A turnê *Um Canto Gauchesco e Brasileiro* vai levar o espetáculo a nove capitais brasileiras. Em cada uma delas, Os Fagundes receberão expoentes da música local, promovendo um diálogo inédito entre o regionalismo gaúcho e a diversidade sonora brasileira.

A celebração terá 70 minutos de duração, passando pelo amplo repertório do grupo e dando foco especial ao *Canto Alegretense*. Detalhes da composição, como a facilidade da melodia de Euclides Fagundes Filho, o Bagre, e as paisagens relacionadas na letra de Antônio Augusto Fagundes, o Nico, serão destacados.



OS FAGUNDES/DIVULGAÇÃO/JC

Espectáculo do grupo Os Fagundes, que dá início às celebrações, acontece nesta sexta-feira, no Teatro Simões Lopes Neto

Pré-lançamento em clima de cabaré

Me Chama Para Dançar, disco de estreia de Amanda Gabana, tem pré-lançamento neste sábado, às 20h. Trazendo estética de cabaré, flertes, paixões e superações, o local escolhido foi o Carmen's Club (Olavo Bilac, 336). O ambiente combina a atmosfera quente do álbum, que remete a casas noturnas, inferninhos e carnavais - referência que nasce do próprio enredo da vida da artista, cujos pais se conheceram em um cabaré. Os ingressos estarão disponíveis no local, no valor de R\$ 60,00.

Em nove faixas, *Me Chama pra Dançar* afirma a identidade artística de Amanda Gabana ao propor uma aproximação do Sul com seu próprio País dentro do pop, através de batidas que embalam o corpo e brindam o verão que existe o ano inteiro dentro de nós quando abre a pista.

A voz que trouxe de volta a Legião Urbana

As clássicas canções da lendária banda de rock brasileiro Legião Urbana serão apresentadas por André Frateschi neste sábado, às 20h, no Opinião (Rua José do Patrocínio, 834). Acompanhado de sua banda solo, o vocalista sobe ao palco da casa de shows para espetáculo que reúne canções como *Pais e Filhos*, *Tempo Perdido* e *Será*. Ingressos à venda na Sympla, por valores a partir de R\$ 110,00.

André ganhou notoriedade ao assumir os vocais da Legião Urbana em 2015. Foram 3 turnês e mais de 300 shows à frente de uma das maiores bandas do País, em sua maioria acompanhando os ex-integrantes da banda Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá. Em seus shows, Frateschi não só mantém o legado da banda, mas também traz sua interpretação única para os clássicos do grupo.

Um Jesus que oscila entre a santidade e o delírio

O monólogo *O Profeta Louco*, do dramaturgo e roteirista espanhol Paco Bernal, está no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) no domingo, às 18h. No palco, Juliana Passini dá vida a um personagem que transita entre a figura de Jesus e a de Manuel, um homem perturbado. Ingressos a partir de R\$ 10,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do local.

A montagem se desenrola em um cenário que oscila entre capela e sala psiquiátrica. Nela,

Jesus aguarda o fim do expediente em uma capela de mosteiro. Nos momentos de folga, fala de suas dores, da relação com seus pais e do amor por Madalena. Daí, outra presença emerge: um homem entupido de psicotrópicos, que embaralha as fronteiras entre realidade e delírio.

A apresentação contará com audiodescrição e tradução para Libras, além de debate conduzido pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 29 DE MAIO

- ⌚ **15h** - Peça voltada ao público infantil, *No Coração da Lua* está no Teatro CHC Santa Casa (Independência, 75). Parte do Palco Giratório Sesc. R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.
- ⌚ **Das 18h às 20h** - Jornalista e colunista do JC, Fernando Albrecht lança seu primeiro livro de crônicas *A vida como ela foi* no Bar Chopp 26 do Mercado Público de Porto Alegre. Entrada franca.
- ⌚ **19h** - Alunos de 10 a 18 anos da Pan American School apresentam musical em inglês *Alice in Wonderland*, em parceria com a OPA Escola de Artes Cênicas. Legendas simultâneas em português. No Teatro do CIEE (Dom Pedro II, 861). A partir de R\$ 90,00 no Sympla.
- ⌚ **19h** - Entre comédia e absurdo, *E Agora?* está no Teatro Carlos Carvalho (Andradas, 736). R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.
- ⌚ **20h** - Ospa celebra 150 anos de Manuel de Falla, com regência de José María Moreno. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Antes, às 19h, *Notas de Concerto* com Milton Ribeiro. Entre R\$ 15,00 a R\$ 70,00 no Sympla. Transmissão no canal da Ospa no YouTube.
- ⌚ **20h** - Peça voltada à força da mulher negra, *Mãe Preta Fonte para Nossas Artes* está na Sala Álvaro Moreyra (Erico Verissimo, 307). R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.
- ⌚ **20h** - Experiência cênica *Biblioteca de Bolso* no Centro Municipal de Cultura (Erico Verissimo, 307). Livre. Repete sáb e dom, 19h.
- ⌚ **20h** - Show de relançamento do álbum de rock experimental *Vertente*, de Carlos Patrício, sob o título *Revertério Re-Vertente*. No Meme Estação Cultural (Lopo Gonçalves, 176). R\$ 30,00 no local.
- ⌚ **21h** - Projeto conceitual de heavy metal formado por mulheres, *Dogma* traz ao Opinião (José do Patrocínio, 834) a turnê latino-americana *Time to Rise*. Entre R\$ 180,00 e R\$ 360,00, no Sympla.
- ⌚ **21h** - Baseada em personagem de Dostoiévski, *Nastácia* está no Teatro Renascença (Erico Verissimo, 307), dentro do Palco Giratório Sesc. R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br. Repete sábado, 21h.
- ⌚ **21h** - Pioneiro na fusão de estilos populares amazônicos com a vanguarda pop, guitarrista Felipe Cordeiro faz show no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). De R\$ 40,00 a R\$ 120,00 no Tri.RS.
- ⌚ **21h** - Eduardo Pitta traz *O Mundo é um Moinho - Especial Cartola* ao Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R\$ 65,00 no Sympla.
- ⌚ **21h** - Teatro Túlio Piva (República, 575) recebe espetáculo de humor *Pretinho Básico*, baseado no programa gaúcho de rádio. R\$ 55,00 (solidário, mediante doação de 1kg de alimento) no Sympla.

SÁBADO, 30 DE MAIO

- ⌚ **Das 11h às 13h** - Abertura da exposição *Tudo Ainda Bruma*, de Isabel Marroni, no Museu de Arte do Paço (Praça Montevideu, 10). Visitação até 31 de julho, de seg a sex, 9h às 17h. Entrada franca.
- ⌚ **Das 11h às 13h** - Vernissage de *Tina Felice: 40 anos de arte* na Bublitz Galeria de Arte (Neusa Goulart Brizola, 143). Até 30 de junho, seg a sex, das 10h às 18h, e sábados, das 10h às 13h. Entrada franca.
- ⌚ **Das 11h às 21h** - Shopping Total (Cristóvão Colombo, 545) recebe festival Ceva no Total. Cerveja artesanal, gastronomia, música ao vivo e economia criativa. Entrada franca. Repete domingo, 11h às 21h.
- ⌚ **Das 14h às 20h** - Parque Harmonia recebe o Sunset Harmonia, com música ao vivo, feira criativa e gastronomia. Shows de Baile Bem Brasil e Soul das Seis. Livre. Em caso de chuva, pode ser adiado.
- ⌚ **16h** - Intervenção urbana em dança afro brasileira, *Ônã* tem apresentação gratuita na Praça Júlio Mesquita (Usina do Gasômetro).
- ⌚ **17h** - Claudio Cretti abre mostra *Bijoux Paçoça* no V744atelier (Visc. do Rio Branco, 744). Livre. Mais informações: [@V744atelier](https://www.instagram.com/V744atelier).
- ⌚ **17h** - Performance *CorpoSamba - Oficena* tem sessão gratuita no Boteco do Paulista (Riachuelo, 230). Parte do Palco Giratório Sesc.
- ⌚ **18h e 20h** - Marcelo Jeneci Trio em dois shows no Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). R\$ 60,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.
- ⌚ **A partir das 18h** - Sarau Festa 40 anos Cordas & Cordas no Casarão Cordas & Cordas (Garibaldi, 1.025), R\$ 54,00 no Nosso Palco.
- ⌚ **20h** - Zé da Terra relança o LP *Quem Tem Boca é Para Cantar*. Na Terra da Tribo (Pátria, 98). Contribuição espontânea.
- ⌚ **21h** - Banda Ziggy em tributo aos álbuns *Transformer* (Lou Reed) e *Ziggy Stardust* (David Bowie) no Grezz (Alm. Barroso, 328). R\$ 60,00 no Sympla.

DOMINGO, 31 DE MAIO

- ⌚ **20h** - Espetáculo de dança *S!NT3TIC05* debate o ser humano contemporâneo. No CHC Santa Casa (Independência, 75). R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.

reportagem cultural

Trajетória breve e intensa

Marcello Campos*

Agilidade, paixão e conhecimento faziam de Foquinha uma peça eficiente na engrenagem da companhia Caldas Júnior, como secretário de Redação da Folha da Tarde. Em depoimento décadas depois, o ex-diretor Adail Borges Fortes (1914-1995) lembraria o sobe e desce do jovem colega: “É uma barbaridade, quase 11 horas e nada... Deem um jeito! E assim passava a manhã, no zelo da ‘Folhinha’, como a chamava. Aí os repórteres iam enchendo de notícias a mesa dele, que brincava satisfeito, fazia blague. Um almoço ligeiro e depois as páginas vazias à espera na oficina. Essa composição quero assim, aquele clichê vai na capa. E o título cercado que pedi? Permanecia no café até que a máquina terminasse de rodar”.

Sua popularidade nas ruas já era um ‘abafa’ quando passou a ter suas crônicas veiculadas com maior frequência pelo vespertino no início de 1937. Leitor eclético e cronista de estilo leve e irreverente em pautas sobre a cidade e a vida numa época de transformações, também abria espaço generoso ao sarcasmo - como na resposta-alfinetada a um desafeto (de identidade fingidamente oculta ao leitor), travestida de comentário sobre a falta de assunto pós-Carnaval. Um desses textos demonstra habilidade em rir de seu próprio ganha-pão, frente ao anúncio da abertura de um futuro curso de Comunicação na capital gaúcha:

“Duvido que exista classe mais sacrificada que a minha, sem amparo de leis sociais ou sequer um pecúlio. Passa a vida trabalhando intensamente, sem recompensa a

não ser a certeza de ter vivido um pouco. Apesar de tudo, até hoje não me arrependi da profissão que abracei. Muito pelo contrário. Adoro minha vida de jornalista humilde e provinciano, pois através dela conheci e pude compreender os erros de uns e as virtudes de outros, daqueles que nos atacam por despeito ou elogiam por interesse. Os graves e insolúveis problemas da humanidade. Nela apreendi a viver melhor, ou pelo menos diferente (...)”.

Ambientado em um dos principais cafés do Largo dos Medeiros, o trecho final de outra das crônicas de Plauto fala de um sentimento que o mantinha em estado de alerta. “Ontem à tarde, eu tomava um cafezinho no América e começou a juntar gente no meio da rua a cada vez que um toque de corneta chegava mais perto. Curiosidade é comigo! Já fui repórter de polícia... Paguei às pressas minha despesa de 200 réis e ganhei a calçada, atravessando a multidão que aos poucos ia se formando”, narra antes de revelar, decepcionado, o motivo do burburinho. Era o desfile-propaganda de novo circo que chegava a Porto Alegre com “elefante pachorrento e de costelas à mostra, puxando o cordão junto a um camelo que nem o deserto aceitaria mais”.



ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/C



'Foquinha' alcançou imensa popularidade na Porto Alegre dos anos 1930

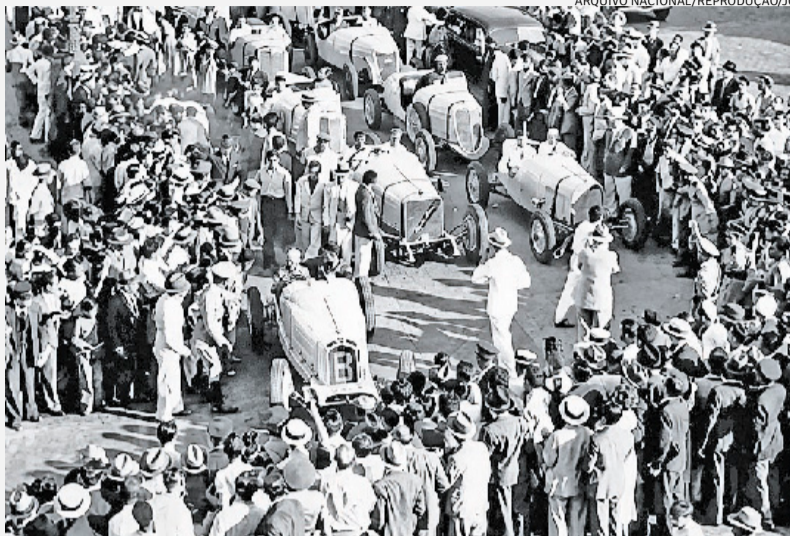
Plauto é o primeiro à esquerda, em foto batida minutos antes do acidente que lhe tirou a vida

***** Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

Percurso interrompido

Tal ímpeto pela novidade seria responsável por uma das notícias mais traumáticas daquele derradeiro tempo de transição entre romantismo e profissionalização na imprensa gaúcha. Tudo muito rápido, em uma ensolarada tarde de terça-feira na capital gaúcha. No chavão em voga entre os meios esportivos, “reinava grande expectativa” sobre o que prometia ser o evento esportivo do ano, em 10 de abril de 1938: a segunda edição do Grande Prêmio Folha da Tarde-Correio do Povo de Automobilismo, reunindo pilotos como Catarino Andreatta e Norberto Jung a bordo de seus cupês adaptados para corridas pelas ruas da Zona Sul - a cidade ainda não dispunha de um autódromo oficial.

Entusiastas de primeira ordem, Sadi Raphael Saadi e seu fiel escudeiro Plauto atualizavam o público sobre os preparativos nos bastidores. A pré-cobertura pela dupla teve como ápice os ensaios finais no então batizado Circuito Cristal, no dia 5 de abril: encerrados os testes por volta das 17h, os dois repórteres decidiram experimentar a sensação de acelerar uma das baratas em percurso até o bairro Ipanema. “Guarda bem estas chaves em minha gaveta na Folha, pois não volto mais”, orientou o brincalhão Foquinha ao fotogra-



Automobilismo de rua mobilizava cidades de todo o País no final dos anos 1930

fo Santos Vidarte, antes de ocupar o banco de carona, tendo Saadi ao volante.

Mal sabia ele o quanto soariam proféticas aquelas palavras, minutos depois. Em um trecho da avenida Teresópolis, a presença de um desavisado pedestre no meio da pista exigiu manobra brusca que evitou o atropelamento, mas não a capotagem a 200 quilômetros por hora. Saadi só acordaria do coma dias depois. Já Foquinha morreria na ambulância a caminho do hospital, com o crânio esfacelado, passando de repórter a notícia - “23 dias após completar 23 anos”, sublinha o conterrâneo Humberto Castro Fossa (1923-1996) em artigo de 15 páginas na coletânea *Correio do Povo 100 Anos* (1995), organizada pela historiadora Hilda Hübner Flores.

Detalhes do acidente também constam no site *motorsportmemorial.org*, espécie de banco de dados sobre casos fatais do automobilismo e motociclismo ao longo da história. Criado em novembro de 2000 pelo jornalista e pesquisador ítalo-belga Guido de Carli, o portal acrescenta que um dos classificados para o mesmo circuito, Oswaldo Mancini, perderia a vida como copiloto durante a primeira volta da prova final, quase duas semanas depois, ao colidir contra um poste de luz. Por óbvio, também registra a morte de outro jornalista da Caldas Júnior nesse tipo de atividade: Pedro Carneiro Pereira (1938-1973), gerente de Esportes de Rádio Guaíba e piloto profissional vitimado por colisão seguida de incêndio no Autódromo de Tarumã, em Viamão.

Comoção geral

Em meio à repercussão da tragédia em jornais de todo o País, Plauto de Azambuja Soares teve velório no Salão Nobre da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e missa de corpo-presente na Catedral Metropolitana de Porto Alegre. O cortejo fúnebre então desceu até a sede da companhia Caldas Junior, para um minuto de silêncio (que acabou durando bem mais), antes de prosseguir pela Rua da Praia rumo ao cemitério no bairro Azenha. Naquela pequena multidão, uma prova indiscutível de popularidade do repórter entre ilustres e anônimos: a presença maciça de jornalistas, governantes, políticos, atletas, artistas, acadê-

micos de Direito e leitores.

O acervo pessoal deixado por Foquinha revelaria a familiares uma série de crônicas e poesias jamais publicadas. Algumas revelam um lado melancólico e quase premonitório em relação à sua própria efemeridade. Como nos versos a seguir, datados de 1933 e sob o título *Será Assim*. “*Eu sei que vou morrer, bem cedo ainda / Em pleno esplendor da mocidade / Como uma tarde fria que se finda / Ao desaparecer do sol a claridade. / Quando eu morrer num dia nevoento / Escuro, sombrio e tão tristonho / Com a minha vida irá o meu sofrimento / E com o meu sofrimento irá o meu sonho.*”



Sepultamento de Plauto Azambuja reuniu ilustres e anônimos na Capital

Sadi Raphael Saadi: às da reportagem policial

Sobrevivente do ato de imprudência que custara a vida do pupilo, Sadi Raphael Saadi se recuperou após semanas de hospitalização, levando como saldo uma cicatriz na cabeça e o bloqueio na memória sobre a fatídica tarde de 1938. “Além do baque pela perda do amigo e um certo sentimento de culpa por estar dirigindo o auto de corrida que capotou, ele tinha dificuldade em lembrar do acidente”, contava sua sobrinha Francisca Moreira Spinoza (1924-2010), espécie de filha adotiva do jornalista e que ficaria conhecida como a incansável arquivista ‘Dona Chica’, do *Correio do Povo* por mais de meio século.

O retorno à imprensa consolidou seu coprotagonismo na moderna reportagem policial gaúcha. Com visual semelhante ao dos detetives de filmes *noir*, acumulou o trabalho na Caldas Júnior com o cargo de inspetor-chefe na posteriormente extinta Delegacia de Segurança Pessoal, até se aposentar na segunda metade da década de 1950, devido a um quadro de nefrosclerose associada à hipertensão e diabetes. Faleceu em março de 1960, aos 51 anos, tornando-se nome de rua no bairro Menino Deus e patrono da Associação dos Repórteres Policiais de Porto Alegre (Arppa), criada em 1961 e da qual não se tem mais notícia.



Plauto e o fiel amigo e colega Sadi Raphael Saadi, em registro fotográfico de 1936

Da valsa ao samba

Um dos encarregados de cobrir a programação radiofônica nas páginas culturais da *Folha da Tarde* (a cidade ainda se limitava às emissoras Gaúcha, Difusora e Farroupilha) e também um descobridor informal de talentos (ajudando a encaminhar vozes de potencial sucesso para as estações), Plauto de Azambuja Soares também se arriscou na composição popular. É dele a assinatura em ao menos duas parcerias com o pianista Paulo Coelho (1910-1941), dupla criativa cujo contraste de silhuetas motivou na imprensa local o apelido de “O Gordo e o Magro”, em alusão aos astros norte-americanos das fitas de comédia que lotavam os cinemas da época.

A valsa *Quando Se Abrir a Tua Janela* não deixou registro, mas o samba *Alto da Bronze* teve lançamento nas ondas da Farroupilha em novembro de 1937 e gravação em disco de 78 rotações na RCA Victor pelo grupo musical do parceiro durante excursão à Argentina no ano seguinte (Elis Regina daria nova roupagem, mais de três décadas depois). O lado B dessa história é que Foquinha sequer teve tempo de ouvir a novidade: faleceu três meses antes de a turma retornar de Buenos Aires com a bolacha debaixo do braço, no final do primeiro semestre de 1938 - Paulo Coelho se despediria aos 31 anos, vítima de tuberculose, em setembro de 1941.

nas telas



VITRINE FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Produção retrata cotidiano em edifício no qual residem mais de 5 mil pessoas

Documentário premiado sobre Edifício Copan é assinado por diretora gaúcha

Jamil Aiquel

O documentário *Copan*, dirigido pela cineasta gaúcha Carine Wallauer, estreia oficialmente nos cinemas brasileiros neste final de semana, com distribuição pela Vitrine Filmes. A obra já rodou o mundo de forma premiada: foi a única representante latino-americana na competição oficial do respeitado festival CPH:DOX 2025, na Dinamarca, e consagrou-se como a grande vencedora da categoria de Melhor Filme Brasileiro no É Tudo Verdade 2025, o maior festival de documentários do Brasil.

A produção retrata os bastidores do Edifício Copan, em São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer e casa de mais de cinco mil moradores, local que a diretora definiu como um verdadeiro microcosmo da sociedade brasileira contemporânea. Em vez de focar apenas nos residentes, a narrativa joga luz sobre o cotidiano e a perspectiva dos mais de 100 funcionários do prédio, cujas rotinas sustentam a vida coletiva no gigantesco condomínio. “Não escolhi o prédio para contar uma história, foi uma história que surgiu a partir do prédio. Foi analisando o prédio que veio essa tese de um microcosmo para analisar o Brasil, e não o movimento contrário”, explicou a diretora.

A escolha por dar protagonismo a esses trabalhadores, que muitas vezes operam invisíveis nos bastidores, parte de uma conexão profunda de Carine com essa realidade. Tendo origem em uma família da classe trabalhadora, a diretora enxergou nas aptidões artísticas e na comu-

nicação dos funcionários a verdadeira essência do edifício. “Quando eu morava no Copan e as pessoas perguntavam para mim como era morar ali, eu não conseguia falar sobre isso sem citar os funcionários. Então, meu filme é, de certa forma, uma resposta a essa pergunta e dando esse destaque para as pessoas que estão ali no dia a dia, nos bastidores.”

A obra debate temas atuais, como as tensões de classes sociais, dinâmicas de poder e a polarização. O filme constrói um paralelo entre o período das disputadas eleições presidenciais de 2022 (entre Lula e Jair Bolsonaro) e as eleições internas para síndico do Copan, então governado pelo mesmo administrador por mais de 30 anos. “Nos pareceu interessante fazer essa análise de como as pessoas se comportavam nos diferentes processos eleitorais e como ambos afetam a vida dentro do condomínio e em sociedade”, afirmou a cineasta.

Para Carine, o retorno mais significativo para o longa não está nos troféus, mas no impacto de fazer com que os trabalhadores do Copan se sentissem vistos, com muitos deles descobrindo a magia da sétima arte pela primeira vez. “É muito especial estar presente nas sessões com eles, especialmente os funcionários do Copan, porque para muitos deles foi a primeira vez que foram a uma sala de cinema. Não um ou dois, foram diversos funcionários do prédio que estiveram pela primeira vez em um cinema - para se verem na tela”, concluiu, emocionada.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Detecta a presença de anabolizantes no organismo do atleta	Escritora de autoajuda dos EUA	Fenômeno registrado no estúdio do leão (Cin.)	Centro de pesquisa que é referência na fabricação de soros
Caspa ou calvície	Emanação do corpo humano (Parapsic.)	O estúdio do leão (Cin.)	Moinho manual ou movido por animais
A paz gerada pelas armas (latim)			Setor de hospital
Sucesso de Emicida		Epíteto atribuído ao membro da ABL	
		Documento do motorista paulistano	
Forma, em inglês		Modo informal de angariar fundos	
Variedade de suíno muito baixo	Base de filmes Afirmativa		Joelho, em inglês
		Mal de (?): faz perder o tato	
Barrete solene usado por cardeais		Estilo dos Ramones	
Amizade, em inglês		Órgão de operações militares	Ladrão que rouba navios (gir.)
Exemplo citado em livros médicos	Hábitat de leões, zebras e girafas	Órgão social da Indústria	
		Arma da esgrima Paloma (?), designer	
		(?) DKW, o 1º carro fabricado no Brasil	Paquiderme da fauna brasileira
Vegetal, couchê e sulfite			Lago que banha Cleveland (EUA)
		Variedade de pimenta Interjeição de surpresa	Unidade de medida de venda de pneu (pl.)
Morei; residi		Terrence Malick, cineasta dos EUA	(?) de peito: desafio para tenores
Jogada (fut. pl.)			
Amar-gurado			
Raiva; furor			
	De menor valor que outro		

BANCO 4/form — knee. 5/amity. 7/atona. 9/pax romana.

11

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Assine agora! Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução

S	O	N	E	W	O	S	V	R	I
O	O	I	T	S	U	G	N	V	
A	R	T	R	S	C	N	V	L	
V	N	E	A	I	E	L	V	L	
N	A	T	V	E	P	E	I	P	
V	A	R	U	A	P	E	O	V	
E	E	A	B	S	D	A	V	C	
N	E	L	O	V	A	M	I	T	
N	A	T	O	T	A	M	I	T	
N	K	P	U	N	H	N	A	S	
O	I	T	A	C	E	T	A	L	
F	A	R	I	F	S	B	A	E	
L	A	L	O	M	I	M	O	R	
V	A	T	A	U	G	U	V	A	
A	N	A	R	O	M	A	X	P	
I	I	L	E						

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Maior desejo de convívio humano e de disposição para a satisfação física e emocional. Mas nada disso irá funcionar bem se houver displicência. A sobriedade é necessária.

♋ Câncer: O desejo de prosperidade é grande, mas não fique só no entusiasmo: organize-se para realmente produzir toda essa prosperidade. Seja austero, atuante e decidido.

♌ Libra: Você tende a olhar as pessoas com olhos mais bondosos, afetivos e encantados. Tende a se envolver com facilidade. Momento para compreender as outras pessoas.

♍ Capricórnio: Um grande bem pode ser produzido se souber aliar a firmeza ao sentido de conjunto das relações familiares. Viver bem com as pessoas queridas é uma dádiva.

♉ Touro: As facilidades no cotidiano podem reverter e tornarem-se problemas. Não confie nada na sorte. Os melhores prazeres, às vezes, são aqueles vividos com sobriedade.

♊ Leão: Momento de inspiração elevada, de pensamentos de estética sofisticada e de refinamento cultural. No entanto, tudo isso precisa de disciplina e sobriedade para acontecer bem.

♎ Escorpião: Pode ser mais fácil hoje melhorar o padrão de saúde física e psíquica. A melhoria do conforto também está presente, mas deveria estar a serviço da saúde.

♏ Aquário: As boas intenções no trabalho podem se perder por comodismo, distração nas coisas boas ou por jogar fora suas intenções, sob a forma de conversa superficial.

♊ Gêmeos: Momento para gastar dinheiro com delícias e prazeres. Mas evite gastar além do que pode usufruir. Enfim, não desperdice as delícias que possa ter em mãos.

♍ Virgem: A sorte pode estar ao seu lado, em alguns negócios ou mesmo no apoio material aos empreendimentos de trabalho. Mas há algo de instável nessa situação.

♐ Sagitário: Muito amoroso você se derrete pelo que ama, muitas vezes perdendo a noção de limite. Mesmo uma situação encantadora deve ter sentido e limite.

♑ Peixes: É preciso cuidar de seu patrimônio. Você aprecia as coisas boas, os objetos bem feitos e tudo o que materialmente tenha qualidade Hoje, esta tendência é estimulada.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Como ler mais e melhor

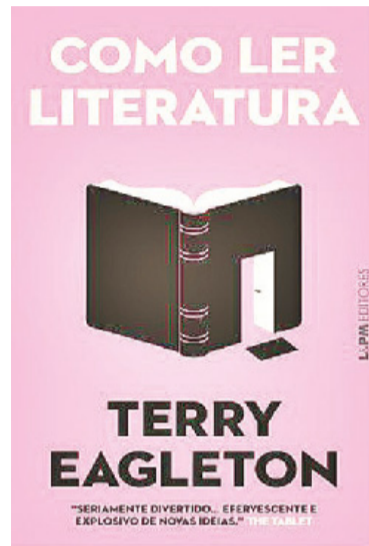
Livros de introdução sobre teoria ou análise literária geralmente cometem o mesmo pecado capital: tentar normatizar e prender numa grade de critérios fixos algo que é de uma riqueza vastíssima, subjetiva e variável. A Literatura é o território da liberdade, de viagens infinitas, como costumam ser as grandes e imortais obras de ficção.

Como ler literatura (L&PM Editores, 224 pág, R\$ 56,90), de Terry Eagleton, consagrado professor, teórico, crítico e intelectual britânico, professor de Literatura Inglesa e Escrita Criativa na Universidade de Lancaster, é um divertido guia que ensina a ler mais e melhor, com maior profundidade e prazer, obras literárias. A proposta de Terry é nos aproximar da arte da literatura, coisa que vem sendo perdida. Novos leitores estão mais em busca do entretenimento das histórias do que apreciarem verdadeiramente as qualidades de um texto.

Terry trata a literatura como parte da cultura humana e mostra como devemos atentar para ritmo, sintaxe, alusões, ambiguidade, enredo, narrativa e personagem em obras de grandes autores como Shakespeare, Conrad, Nabokov, J.K. Rowling, Dante Alighieri, Dickens, Jane Austen, Milton e Sófocles.

Eagleton é diferente de muitos outros críticos e acadêmicos e procura não colocar literatura canônica num pedestal inalcançável. Ao contrário, ele lança mão de elementos da cultura popular para melhor expor suas ideias. Sofisticação, maturidade, humor e senso crítico apurado caracterizam a obra, do mesmo autor do clássico moderno *Teoria da Literatura: uma introdução*, originalmente publicado em 1983.

Com a autoridade conquistada por décadas de estudos, pesquisas e ensino e com a experiência da maturidade, Eagleton nos convida a pensar



sobre tempo, tradição, inovação, revolução, involução e nos mostra o que torna uma obra boa, ruim, importante ou indispensável. Terry comenta o classicismo, romantismo, modernismo e pós-modernismo, e escreveu um livro seriamente divertido, com análises incisivas sobre os aspectos essenciais da literatura inteligente.

e palavras...

O ABSURDO E O IMPROVÁVEL DO FUTEBOL

Poucos dias nos separaram do começo da Copa do Mundo Fifa 2026, a maior da história, com 48 seleções e 104 jogos nos Estados Unidos, México e Canada. Nossa seleção é a única que participou de todas as Copas, e só ela ganhou cinco títulos. Maior esporte do planeta, o futebol, como disseram, é o esperanto que deu certo, uma linguagem mundial e democrática. A Fifa tem 211 associações nacionais entre suas filiadas. A ONU tem 193 estados-membros. Mesmo sem ganhar desde 2002, com nossos craques indo para o exterior e com todos os problemas conhecidos, somos o País do Futebol. A seleção é (ou deveria ser) a pátria de chuteiras. Polarizados como estamos, somos o País da bola dividida e nem a seleção nos une suficientemente.

Futebol Lado B - Entre deuses, dribles, ditadores, delírios, o absurdo, o improvável e o genial do esporte mais amado do mundo (Globo Livros, 312 pág, R\$ 71,15), do jornalista e escritor Ariel Palacios, autor de *América Latina lado B*, mostra histórias bizarras, inusitadas e contexto geopolítico e cultural que compõe o Lado B da bola. Eis o mérito da obra, que foge das estatísticas tradicionais e dos números e tabelas chatos que não tem muito a ver com a loucurada futebolística.

Ariel, com seu humor, talento, pesquisa e linguagem saborosa, reúne crônicas e episódios reais que exploram o lado mais absurdo e curioso do esporte da bola. A goleada de 149 a 0 (e outras seis) registrada em Madagascar, com gols contra marcados para protestar contra a arbitragem; o grito de gol do narrador

romeno de 52 segundos que entrou para o Guinness e guerras, ditaduras, delírios, superstições e como o futebol afeta e é afetado pela humanidade estão nas páginas do volume, que também conta histórias do futebol envolvendo o Papa Francisco, que quando era moço andou batendo uma bola e canonizou afetivamente o Pelé, dizendo que ele era mais do que Maradona e Messi.

Ariel mostra a arqueologia do chute, o futebol antes de ser futebol, um pandemônio ambulante, sem regras. Na era medieval o futebol era um vendaval de socos, chutes e bexigas de porco voadoras. Lá por 1848, em Cambridge, os ingleses, como convém a um Império, iniciaram a diplomacia futebolística.

Os americanos chama o futebol de *soccer*. Ariel traz os termos técnicos mais recentes do esporte como tiki-taka, patada banana, futebol total e *hat-trick* e frases como "jogar sem torcida é como dançar sem música", do Eduardo Galeano, e "o futebol é um jogo simples: 22 pessoas correm atrás de uma bola por noventa minutos e, no final de tudo, vence a Alemanha", de Gary Lineker, ex-jogador inglês.

Clichês de jogadores e treinadores em entrevistas, de narradores e comentaristas, clichês táticos, DNA de times e seleções e lendas do futebol estão na obra, que fala dos gols que nunca foram, de seitas, superstições, heresias e do além. Há capítulos no livro sobre impérios, fronteiras, escanteios e rivalidades geopolítico-futebolísticas, sobre cores, camisas e identidades e curiosidades cromáticas, taça mundial roubada e peculiaridades da Libertadores.

lançamentos



► **Espeleosofias** (Editora Nós; Edições Sesc, Coleção Filosofia, 96 pág, R\$ 60,00), de Charles Feitosa, Dr. em filosofia pela Universidade de Freiburg (Alemanha) e professor e pesquisador da Unirio, é um ensaio tentando aprimorar a narrativa platônica da alegoria da caverna por meio de diferentes interpretações na filosofia e na cultura pop através da história, sempre tendo os desafios de ensino da filosofia para jovens de todas as idades como pano de fundo.



► **A noite de Baba Yaga** (Estação Liberdade, 166 ág, R\$ 64,00), de Akira Otani, premiada escritora japonesa, romance, mostra a enigmática e poderosa protagonista que foi raptada por membros da Yakuza e forçada a trabalhar para a organização após descobrir o seu ponto fraco e o utilizarem como chantagem. A obra fala de identidade, violência e relações profissionais e pessoais desconstruídas.



► **O Julinho sempre foi notícia** (UFGRS-Colegio Júlio de Castilhos, 66 pág), organizado por Cora Schilling Copstein, Márcia Ivana de Lima e Silva e Neiva Otero Schäffer, fala sobre incêndio do Julinho, Julinho no centro da História (1963-1978), movimento estudantil-68, criação do pioneiro Grupo Ecológico Kaa-eté e Fórum Juliano em defesa da escola pública. João Timótheo Esmerio Machado, Alberto Magno Filgueiras, Mônica Vier Loss, Neiva Otero Schäffer e Lara Maria Silva Rojas escrevem.

a propósito

Pois é, mesmo com as mudanças na Fifa, iniciadas por nosso conterrâneo João Havelange, que tornaram o futebol atletismo, com menos arte, mais correria, negócio, força física e contratos e patrocínios estranhos, a bola segue nos encantando e servindo de mantra para esquecermos um pouco as mazelas políticas, sociais e econômicas mundiais que nos afligem. O livro do Ariel está com a bola B cheia. Tudo pode acontecer numa partida de futebol. O Brasil pode até ser campeão, se Deus brasileiro quiser e os argentinos, alemães, franceses, espanhóis, ingleses e portugueses deixarem. Lembrando o Celestino Valenzuela... que Lan-ceee-lo-ttiii!

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Hebert Moah, entre o rock e tudo que há além

Andressa Pufal

Nascido em uma atmosfera ricamente musical, surpresa seria se Hebert Moah enveredasse para outro lado. Impulsionado por seu pai, Serginho Moah, o compositor de 28 anos desde o início mostrou-se íntimo das melodias, notas, timbres e ritmos. Depois de uma década de trajetória na música, com passagem pela banda Teto Raso, carreira solo e dezenas de shows em espaços da Capital, Hebert Moah lança seu terceiro single.

Foi passando pela esquina da Joaquim Nabuco com a José do Patrocínio que “o sol bateu diferente” e veio a inspiração para o refrão de *A vista e a poesia*: “Sempre que eu saio da cidade/ Eu sinto falta da minha rua/ Da sua compa-

nhia/ Que me garantia/ A vista e a poesia”.

Num caldeirão de referências, a canção mistura os sopros da *soul music* e a guitarra cheia de *chorus* da música indie, trazendo traços de MPB, indie rock e R&B. O músico porto-alegrense viajou até São Paulo para gravar o som no estúdio Tangará, depois de ser contemplado pelo edital Tangará Co+Lab. A canção, com letra e harmonia de Hebert, foi gravada em parceria com a banda Entalpia.

Foi em 2020 que os acordes e palavras de *A vista e a poesia* afloraram. Como uma viagem ao passado, aquele sol certo na Cidade Baixa ilumina um Hebert que buscava entender a sua trajetória e, acima de tudo, o amor. “Acho que é reflexo de alguém querendo



GABRIELA FELIN/DIVULGAÇÃO/JC

Novidade na cena, filho de Serginho Moah traz composições que misturam MPB, indie rock, pós-punk e shoegaze

criar uma trajetória, amadurecer e conquistar os próprios objetivos, mas não querer fazer isso sozinho, querer fazer isso com alguém especial”, explica.

Desde a adolescência já tocava baixo, instrumento preferido de um jovem interessado em indie rock, pós-punk, shoegaze e a tradicional MPB das antigas. Para conseguir compor, numa iniciativa autodidata, aprendeu a tocar o violão. Apesar de crescer em um ambiente

musical, Hebert avalia que a maior parte das referências que construíram sua identidade musical vieram de sua busca individual por novos sons. “Isso me diferencia um pouco do pop que meu pai faz”, pondera. “Mas o que me inspira nele é a trajetória que ele construiu.

Um cara sair de Uruguaiana, vir para a cidade grande e conseguir uma carreira sólida do jeito que ele criou é sempre muito inspirador.”

Falando em ser inspirador,

Hebert também adentra portas que foram abertas há pouquíssimo tempo. Um homem negro fazer sucesso na cena underground, com guitarra elétrica, fazendo indie rock, fazendo pós-punk não é algo que se vê com muita frequência. “Só da gente estar ali se expressando num gênero musical que não tem tantas pessoas negras quanto em outros estilos musicais já é um baita negócio. Queremos estar presentes cada vez mais.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz sugestões para aproveitar ao máximo a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, tem espetáculo de balé, festa para dançar sem parar, show com clássicos do rock e até partida de futebol na tela do cinema!



Ela está de volta neste sábado — e com entrada gratuita. Por isso, minha dica não poderia ser outra: a *Boys Don't Cry* toma conta do Viva Open Mall em mais uma noite comandada por Mauro Borba e Luciano Mazim, com muita nostalgia, clássicos do rock e hits que marcaram a adolescência das gerações X e Y. A festa leva o nome de um clássico do The Cure, banda icônica dos anos 1980 — e que ocupa o topo da minha lista de favoritas. Para quem quer reviver o clima das reuniões dançantes, relembrar os velhos tempos, dançar e curtir com os amigos, a sugestão é chegar cedo, garantir um bom lugar e aproveitar cada minuto da *Boys*.

Cristine Pires,
editora-assistente de
Economia - JC



Minha dica para o ‘finde’ é o espetáculo de balé *Pena*, da dançarina Silvia Wolff. Após estudar nas melhores escolas de dança do mundo e construir uma sólida trajetória no balé, a artista sofreu um AVC que lhe deixou sequelas físicas. Agora, Silvia retorna aos palcos explorando o conceito de ‘balé possível’, questionando as regras do belo, da perfeição e do ideal — tão específicos no contexto desta dança. A sessão é domingo, às 19h, no Estúdio Stravaganza. Ingressos custam a partir de R\$ 30,00 e podem ser adquiridos pelo site do Sesc Cultural. Além de encantar, *Pena* questiona o capacitismo, reinventa a dança e confronta os significados simbólicos do corpo deficiente.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura - JC



Jogos de futebol e as telonas do cinema não costumam ter motivos para se encontrar. A não ser que a ocasião seja especial, como será neste sábado, a partir das 13h, quando rola a bola para Arsenal x PSG, pela final da Liga dos Campeões em Budapeste, na Hungria. O duelo entre ingleses e franceses pelo título europeu é atração nas salas do Barra Shopping Sul, Shopping Iguatemi, Praia de Belas, no Shopping Total e no Bourbon Country. Com os dois melhores times da temporada em campo, a promessa é de emoção do início ao fim em um nível de enfrentamento que, infelizmente, já não estamos mais acostumados a ver no futebol brasileiro, que dirá no Rio Grande do Sul.

Cássio Fonseca,
repórter do JC



Para quem gosta de curtir um bom rock na noite de sábado, o Grezz (espaço do Quarto Distrito geralmente dedicado ao jazz e à música instrumental) oferece uma opção bem interessante. Trata-se da banda Ziggy, que foge do padrão dos shows tributo ao dedicar seu *set* a dois álbuns clássicos, de artistas diferentes: Lou Reed (*Transformer*) e David Bowie (*Ziggy Stardust*). Os dois discos são tocados na íntegra, por um time de gabarito — gente que toca ou já tocou com Pata de Elefante, Cartolas, Vera Loca, Funkalister e por aí vai. Chance de ouro para mergulhar em canções que, surgidas lá nos anos 1970, seguem ditando caminhos para quase tudo que se faz no mundinho do rock.

Igor Natusch, editor
de Cultura do JC